

## **Criminalização da homofobia: algumas realidades não se maquam<sup>1</sup>**

Bárbara Stefany Freire De SOUSA<sup>2</sup>

Danielly Ferreira Dos SANTOS<sup>3</sup>

Laryssa Rayanne Silva De AGUIAR<sup>4</sup>

Luana Tayze Xavier De MELO<sup>5</sup>

Raphael Alexandre Maia DUMARESQ<sup>6</sup>

Antonino CONDORELLI<sup>7</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN.

### **RESUMO**

Enfrentar a homofobia no Brasil ainda é um desafio. Entendendo, aqui, a homofobia como a prática de negação de legitimidade social e moral à orientação sexual homoafetiva - de rejeição e ódio para com lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTT). A homofobia se fundamenta na limitação o direito do outro, já que a identidade é considerada socialmente ilegítima e moralmente reprovável. Assim, politizar o debate acerca da desconstrução da heterossexualidade como única possibilidade de expressão da sexualidade humana torna-se objetivo primordial em nossa produção audiovisual, visando a criminalização dessas ações de ódio, reforçando as lutas em defesa da liberdade e segurança na orientação e expressão sexual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Homofobia; homossexuais; direito; debate; criminalização.

---

<sup>1</sup>Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade CA 01 filme de ficção.

<sup>2</sup>Estudante do 4º semestre do curso de comunicação social, habilitação em Radialismo. Email: babi\_stefany13@hotmail.com.

<sup>3</sup>Estudante do 4º semestre do curso de comunicação social, habilitação em Publicidade e Propaganda. Email:emaildadanny@hotmail.com.

<sup>4</sup>Estudante do 4º semestre do curso de comunicação social, habilitação em Jornalismo. Email: laryssa.rayanne@hotmail.com.

<sup>5</sup>Aluna líder do grupo e estudante do 3º semestre do curso de comunicação social, habilitação em Radialismo. Email: luanatayze@yahoo.com.br.

<sup>6</sup>Estudante do 4º semestre do curso de comunicação social, habilitação em Radialismo. Email: raphael\_dumaresq@hotmail.com.

<sup>7</sup>Orientador do trabalho. Professor do Curso de comunicação social, email: condor\_76@hotmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

Hoje, mais do que nunca, é preciso dar destaque, no intuito de tornar visíveis as marcas e cicatrizes em função das diversas modalidades de violência vivenciada cotidianamente pela população LGBTT. As variadas formas de violência e opressões ocupa a cena pública como algo banal. De acordo com o Grupo Gay da Bahia (GGB), a cada dia e meio um homossexual brasileiro é assassinado, vítima da homofobia. Merece destaque os requintes de crueldades que marcam os assassinatos, visto que o Brasil tem atingido níveis elevados de crimes contra homossexuais (CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL, 2014c). No relatório anual de assassinatos a homossexuais do GGB, em 2010, foram registrados 260 casos (GRUPOS GAYS DA BAHIA, 2014).

São esses relatos que nos mostra a necessidade de refletir criticamente a consequência da homofobia e a importância de criminalizar esse preconceito. Cotidianamente ouvimos casos de crimes de ódio (espancamentos, degolamentos, torturas, assassinatos), e é válidos ressaltar que até chegar a matar, o assassino deve ter praticado muitas atitudes preconceituosas, desmerecendo outrem. Assim, impõe-se a necessidade de desconstruir o pensamento que nega legitimidade social, dignidade e humanidade a identidades de gênero e orientações sexuais diferentes da dicotomia homem/mulher (concebida como biologicamente determinada) e da heteronormatividade e construir uma cultura inclusiva baseada no reconhecimento e a dignificação da diversidade, de preceitos da sociedade por orientação sexual e por identidade de gênero, para que se torne possível a sua contribuição com denúncias para diminuir as várias violações de direitos que sofre corriqueiramente a população LGBTT.

Embora seu primeiro elemento seja a rejeição irracional ou mesmo o ódio em relação a gays e lésbicas, a homofobia não pode ser reduzida a isso. Assim como a xenofobia, o racismo ou o antissemitismo, ela é uma manifestação arbitrária que consiste em qualificar o outro como contrário,

inferior ou anormal. Devido a sua diferença, esse outro é posto fora do universo comum dos humanos. (Lionço, 2009).<sup>8</sup>

Vivemos na discrepância dos valores - entre princípios social e institucionalmente sancionados como universais (direitos humanos) e mentalidades, valores e atitudes profundamente enraizados no imaginário sociocultural, produtores de práticas discriminatórias e violentas. Para coletivizar, é preciso continuar na luta por leis que assegurem esse direito de forma universal, independente da orientação sexual e identidade de gênero, na luta para a construção de uma sociedade verdadeiramente libertária. A diversidade de expressões não tem que ser algo estranho.

## **2 OBJETIVO**

Nossa produção tem um empenho na eliminação de todas as formas de preconceito - com foco no preconceito por identidade de gênero e orientação sexual -, incentivando o respeito à diversidade.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Defendemos que o viver na sociedade não pode ser baseado no medo de se expressar, não pode ser normal um cotidiano de violência, e a homofobia precisa ser reconhecida como crime.

O imaginário social dos homofóbicos faz parte de uma construção social discriminatória, que contribui para atos violentos e limitadores de direitos de pessoas homossexuais. É preciso tentar se colocar no lugar do outro. “Se fosse eu que não pudesse expressar livremente minha escolha sexual (afetiva) e, além de tudo, tivesse direitos violados e omitidos?” Não se devem reduzir as relações entre homem e mulher a um modelo único e simplista.

## **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

---

<sup>8</sup> LIONÇO, Tatiana. DINIZ, Débora. Homofobia e educação: um desafio em silêncio. Ed. UNB, Brasília. 2009. (p.15).

Pretendemos então despertar no receptor de nossa produção audiovisual a sensibilidade em torno da livre orientação e expressão sexual como um direito humano. Optou-se pela escolha do ator Rodrigo Camargo, devido as suas experiências e vivências. Ele mesmo se transforma em Drag Queen e trabalha em eventos com seu personagem, a Nicolle D’Luxe . O ator nasceu num corpo biologicamente masculino, se percebe como homem (neste sentido, é cis-gênero), se sente atraído afetiva e sexualmente por homens (é, portanto, homossexual) e gosta de se vestir e de atuar como mulher, sem por isso sentir-se ou desejar ser mulher (é Drag Queen). É um arranjo identitário (de gênero e orientação sexual) complexo, multifacetado, não rotulável com base nas rígidas categorias hegemônicas e mostra toda a potência não aprisionável da construção de si de um sujeito, o poder e a beleza da diversidade. O mesmo já atuou no documentário Dragstars<sup>9</sup> que falava justamente sobre o universo Queen e suas problemáticas. Além disso, Rodrigo também é militante ativo e luta pelos direitos LGBTT: seu personagem Nicolle D’Luxe é exemplo de desconstrução de gênero, que está inserido não apenas cenicamente mas também na cena real LGBTT, e luta contra a homofobia, ou qualquer ato que discrimine a liberdade sexual e de gênero. Em sua conduta pessoal é uma pessoa a favor da liberdade de expressão e do ser. Ele foi escolhido por se identificar com a temática do vídeo que está ligada cotidianamente com suas realidades, e a realidade de muitas outras pessoas que ele vai representar por meio do seu papel no vídeo.

A estética do vídeo “Algumas realidades não se maquiam” foi pensada de forma que o espectador se sentisse próximo do ator, como se estivesse a observar de perto todos os passos do processo de transformação, com o intuito de sensibilizar para a causa a ser levantada. Para isso, foi chegada à conclusão de que as imagens do vídeo, em sua maioria, deveriam ser planos de detalhe, e algumas em plano aberto. Foi escolhida a lente 50mm com abertura de f/1.8, para que houvesse uma atenção maior para o que havia de ser mostrado e um desfoque grande para o restante do quadro, resultando assim numa estética totalmente voltada para a performance do ator. Contribuindo para isto, o plano de fundo era totalmente preto, com as luzes voltadas para o performance.

A trilha sonora do vídeo segue um padrão não tão linear, assim como os sentimentos transmitidos. Começando com notas em tom dramático na intenção de sensibilizar o receptor - que, diante da cena de um rapaz machucado, se ouve o som do piano melódico e

---

<sup>9</sup> Documentário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qkwmD2SkD6U>.

intenso - simbolizando tristeza e dor que o ator está sentindo por ter sido agredido. Na sequência, os sentimentos se multam, e ganham intensidade. Surge então o primeiro momento de clímax do vídeo, o personagem reage frente à realidade de preconceitos sofridos. Nesse momento de reação, a música se modifica e ganha um pouco mais de peso em sua composição, sua sequência segue firme assim como a força de vontade do personagem representando a realidade de resistência a qualquer tipo de violência e repressão.

A maquiagem aplicada no rosto, cobrindo as marcas de violências, é um item utilizado para, semioticamente, representar a atitude da sociedade quando se trata dos atos e crimes de homofobia. Uma realidade que existe mas que é maquiada, assim como o rosto do nosso personagem. Simultaneamente com as cenas descritas, segue a música com suas notas carregadas em tom médio, que vão diminuindo para um tom mais baixo, dando sequência a finalização do processo de desconstrução de gênero e montagem da Drag Queen, onde as imagens com enquadramentos fechados em detalhes, ajudam no ar de suspense da transformação do que somos, para o que podemos ser.

Ao colocar a peruca, finaliza-se essa transformação. O plano abre e a música continua em notas longas. O segundo momento de clímax do vídeo mostra como ficou o personagem: em meio as possibilidades do ser, uma forma de exigir respeito as realidades alheias, e também de abordar uma reflexão para as aparências que enganam, as realidades maquiadas, presentes embaixo do colorido da maquiagem. A problemática é: até quando vamos maquiar a realidades dos jovens que morrem por sua condição de gênero, quantos corpos serão maquiados para que a criminalização da homofobia aconteça?

O autor da trilha é o jovem potiguar Walter Nazário, produtor musical independente. A trilha escolhida para o vídeo faz parte do seu álbum *Hospedando Deuses Marotos*, gravado em 2014.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Escolhemos a produção de um vídeo ao qual um homossexual machucado por marcas do preconceito se maquia tentando esconder os hematomas e cicatrizes decorrentes de um ato homofóbico, mas ressaltamos de que há realidades que não podem ser maquiadas, - foi gravado no estúdio de gravação do laboratório de comunicação da

Universidade Federal do Rio Grande do Norte -. Neste sentido, o vídeo representa uma luta pela livre orientação e expressão sexual, e pela efetividade dos direitos humanos em todas as suas dimensões para chamar a atenção da sociedade, visto que se uma lei em prol da liberdade e orientação sexual for aprovada, haverá a possibilidade, do ponto de vista legal, do acesso dos membros LGBTTT ao universo do sujeito de direitos.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

A violência sofrida cotidianamente por homossexuais deve ser erradicada. A sexualidade humana precisa ser entendida como uma dimensão da individualidade e que, portanto, necessita ser reconhecida em sua diversidade de expressões: lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Contribuindo para a garantia do respeito a essa diversidade. Considerando que a mensagem que o curta, Algumas realidades não se maquiam, pretende transmitir, pode contribuir para a construção de uma percepção não discriminatória da diversidade de gênero e de orientação sexual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Conselho Federal de Serviço Social (CFESS). O direito à identidade trans. disponível em: <[http://www.cfess.org.br/arquivos/cfessmanifesta2013\\_visibilidadetrans-site.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/cfessmanifesta2013_visibilidadetrans-site.pdf)> acessado em: 20 de nov. de 2014a.
- Conselho Federal de Serviço Social (CFESS). Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres. Disponível em: <[http://www.cfess.org.br/arquivos/cfessmanifesta2012\\_orgulhoLGBT\\_site.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/cfessmanifesta2012_orgulhoLGBT_site.pdf)> acessado: 20 de nov. 2014b.
- Conselho Federal de Serviço Social (CFESS). Assistentes sociais em defesa da diversidade humana. Disponível em: <[http://www.cfess.org.br/arquivos/cfessmanifesta2011\\_conf\\_lgbtSITE.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/cfessmanifesta2011_conf_lgbtSITE.pdf)> acessado em: 20 de nov. 2014c.
- Conselho Federal de Serviço Social (CFESS). CFESS na luta pela livre orientação e expressão sexual. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/arquivos/cfessmanifesta1aconferencianacionalGLBTT.pdf>> Acessado em: 22 de nov. de 2014d.
- FAGNER, Jo. Documentário Dragstars. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qkwmD2SkD6U>> acessado em: 30 de out de 2014.
- LIONÇO, Tatiana. DINIZ, Debora. Homofobia e educação: um desafio ao silêncio. Ed. UNB. Brasília. 2009. (p.15)
- \_\_\_\_\_. Grupos Gays da Bahia. Epidemia do ódio 260 homossexuais foram assassinados no Brasil em 2010. Disponível em: <<http://www.ggb.org.br/Assassinatos%20de%20homossexuais%20no%20Brasil%20Orelatorio%20geral%20completo.html>> Acessado em: 24 de nov 2014.